

STEPHEN KING

# DESPERTAR

Tradução de  
ANA LOURENÇO



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2017

## Quinta Personagem. Skull Mountain. Peaceable Lake.

Em certo sentido, a nossa vida é verdadeiramente um filme. Os protagonistas são a família e os amigos. Os atores secundários são os vizinhos, os colegas de trabalho, os professores e os conhecidos. Há ainda os papéis menores: a jovem caixa do supermercado com o sorriso bonito, o empregado simpático do bar, os colegas do ginásio que encontramos três vezes por semana. E há milhares de figurantes que passam pela nossa vida como água pela peneira — são vistos uma única vez e nunca mais. O adolescente que folheia novelas gráficas na Barnes & Noble, por quem precisamos de passar (murmurando um «com licença» apressado) para chegar às revistas. A mulher parada no carro ao lado, no semáforo, que aproveita para retocar o batom. A mãe que limpa o gelado da cara do filho no restaurante à beira da estrada onde parámos para comer qualquer coisa. O homem que nos vendeu um pacote de amendoins num jogo de basebol.

Às vezes, porém, entra na nossa vida alguém que não se encaixa em nenhuma dessas categorias. É o jóquer que salta do baralho de vez em quando ao longo dos anos, muitas vezes durante momentos de crise. No cinema americano, esse alguém chama-se quinta personagem, ou agente da mudança. Quando surge num filme, sabemos que lá está porque o argumentista o pôs ali. Mas quem escreve o argumento da nossa vida? O destino ou o acaso? Quero acreditar que seja o último. Quero mesmo, de corpo e alma. Quando penso em Charles Jacobs — a minha quinta personagem, o meu agente da mudança, a minha némesis —, não

me atrevo a acreditar que a presença dele na minha vida teve qualquer ligação com o destino, pois isso significaria que todas aquelas circunstâncias terríveis — aqueles *horrores* — estavam fadadas a acontecer. Se assim for, a luz não existe, e a nossa crença nela é mera ilusão. Se assim for, vivemos na escuridão, como animais numa toca, como formigas nas profundezas dos seus formigueiros.

E não estamos sós.

Claire ofereceu-me um exército quando fiz seis anos e, num sábado de outubro de 1962, eu estava a preparar-me para uma grande batalha.

Venho de uma família grande, com quatro rapazes e uma rapariga, e, por ser o mais novo, recebia muitas prendas. Claire dava-me sempre as melhores. Talvez por ser a mais velha, não sei, ou por ser a única rapariga, ou pelos dois motivos. No entanto, de todas as prendas incríveis que ela me deu ao longo dos anos, o exército foi de longe a melhor. Era composto por duzentos soldados de plástico verde, alguns com espingardas, outros com metralhadoras, e uns dez colados a armas em forma de tubo, que a minha irmã explicou serem morteiros. E também havia oito camiões e doze jipes. Acho que o mais fixe de tudo era a caixa, um cofre de cartão em tons verdes e castanhos de camuflado e a inscrição PROPRIEDADE DO EXÉRCITO DOS EUA estampado à frente. Por baixo dessa vinha outra, feita por Claire: JAMIE MORTON, COMANDANTE.

Que era eu.

— Vi-o anunciado na última página de um dos livros aos quadradinhos do Terry — explicou a minha irmã, quando parei de gritar de alegria. — Ele não queria que eu o recortasse porque é um burrié chato...

— Isso mesmo! — confirmou Terry, de oito anos. — Sou um irmão mais velho burrié. — Esticou dois dedos e enfiou um em cada narina.

— Parem já com isso! — ralhou a nossa mãe. — Nada de discussões de irmãos nos aniversários, por favor e obrigada. Terry, tira os dedos do nariz.

— Enfim, fiz uma cópia do cupão e mandei-a pelo correio — continuou Claire. — Tive medo de que não chegasse a tempo, mas chegou. Ainda bem que gostas.

Deu-me um beijo na testa. Claire beijava-me sempre ali. Todos estes anos volvidos, ainda consigo sentir aqueles lábios macios.

— Adoro! — exclamei, apertando o cofre camuflado contra o peito. — E vou adorar para sempre!

Isto foi depois do pequeno-almoço, que tinham sido panquecas de mirtilos com *bacon*, o meu preferido. Nos aniversários, todos tínhamos direito à nossa comida preferida, e as prendas eram sempre entregues depois de comermos, ali na cozinha, equipada com fogão a lenha, mesa comprida e um monstro de máquina de lavar roupa que estava sempre a avariar-se.

— O «para sempre» do Jamie não dura mais do que cinco dias — zombou Con. Tinha dez anos, era magro (embora tenha ganho corpo depois) e já na altura mostrava vocação para as ciências.

— Muito divertido, Conrad — interveio o nosso pai. Vestia a roupa de trabalho, um fato-macaco com o seu nome, RICHARD, bordado com linha dourada no bolso esquerdo. No direito, lia-se MORTON FUEL OIL. — Estou impressionado.

— Obrigado, pai.

— Por causa dessa tua língua comprida, ganhaste a oportunidade de ajudar a tua mãe a levantar a mesa e a tratar da louça.

— Mas é a vez do Andy!

— *Era* a vez do Andy — respondeu o meu pai, vertendo xarope sobre a última panqueca. — Pega num pano, seu linguarudo, e tenta não partir nada.

— Vocês mimam-no de mais — comentou Con, mas pegou no pano.

Connie não estava de todo errado sobre o meu conceito de «para sempre». Cinco dias depois, o jogo de cirurgia que Andy me dera já estava a acumular algodão debaixo da cama (faltavam umas partes do corpo, de qualquer maneira; Andy tinha-o comprado assim, custara vinte e cinco cêntimos no bazar da Eureka Grange. O mesmo destino tiveram os quebra-cabeças que recebi de Terry. A prenda de Con, uns binóculos

*ViewMaster* para ver diapositivos, durou um pouco mais, mas acabou por ir parar ao fundo do armário e nunca mais foi vista.

Dos meus pais recebi roupa, porque o meu aniversário calha perto do fim de agosto, e naquele ano eu ia entrar para a primária. Para mim, calças e camisas novas eram tão interessantes como uma mira técnica, mas tentei demonstrar entusiasmo ao agradecer. Calculo que tenham percebido logo, pois não é fácil para um rapaz de seis anos fingir entusiasmo... embora, infelizmente, seja uma habilidade que a maioria das pessoas aprende bastante depressa. De qualquer forma, as roupas foram lavadas no monstro, penduradas no estendal lateral da casa e, por fim, dobradas e guardadas nas gavetas da minha cómoda. Onde, é desnecessário dizer, permaneceram longe dos olhos e da lembrança até setembro chegar e ser altura de usá-las. Lembro-me de uma camisola que por acaso era bem fixe — castanha com riscas amarelas. Quando a usava, fingia que era um super-herói chamado Vespa Humana: criminosos, cuidado com o meu ferrão!

Porém, Con enganou-se a respeito do exército que vinha no cofre camuflado. Eu brincava com os bonecos todos os dias, o dia todo, em geral na extremidade do jardim da frente, onde havia uma faixa de terra a separar o nosso relvado da Methodist Road, que na altura também era de terra. Tirando a Route 9 e a estrada de duas faixas que levava a Goat Mountain, onde havia um *resort* para gente rica, todas as ruas e estradas de Harlow eram de terra. Lembro-me de ter visto a minha mãe chorar várias vezes por causa do pó que entrava em casa nos dias secos de verão.

Billy Paquette e Al Knowles, os meus dois melhores amigos, vinham brincar comigo e com os soldadinhos muitas tardes, mas eu estava sozinho no dia em que Charles Jacobs surgiu na minha vida. Não sei por que razão Billy e Al não se encontravam comigo, mas lembro-me de me sentir feliz por estar sozinho, para variar. Em primeiro lugar, não precisava de dividir o exército em três batalhões. Em segundo — e isso era o mais importante —, não me via obrigado a discutir com eles de quem era a vez de ganhar a batalha. Para dizer a

verdade, eu achava injusto ter de perder uma única vez que fosse, porque aqueles eram os *meus* soldados e o *meu* cofre camuflado.

Quando confessei isto à minha mãe, num dia quente no fim daquele verão, pouco depois do meu aniversário, ela agarrou-me pelos ombros e olhou-me nos olhos, um sinal inequívoco de que ia dar-me outra lição de vida.

— Essa coisa do «é meu» causa metade dos problemas do mundo, Jamie. Quando brincas com os teus amigos, os soldados são de todos.

— Mesmo se estivermos a lutar uns contra os outros?

— Mesmo assim. Quando o Billy e o Al vão para casa e tu guardas os soldados na caixa...

— É um *cofre camuflado!*

— Certo, no cofre camuflado. Quando guardas os soldados, eles são de novo teus. As pessoas fazem muitas maldades umas às outras, e irás descobrir isso quando cresceres, mas não tenho dúvidas de que todo o mau comportamento nasce pura e simplesmente do egoísmo. Promete-me que nunca vais ser egoísta, filho.

Prometer, prometi, mas continuei a não gostar quando Billy e Al venciam.

Naquele dia de outubro de 1962, quando o destino do mundo estava por um fio devido a uma pequena faixa de terra tropical chamada Cuba, eu combatia em ambas as frentes de batalha, o que significava que acabaria por vencer de qualquer forma. A niveladora da cidade tinha passado pouco antes pela Methodist Road («a mudar a posição das pedras», resmungava sempre o meu pai), e o que não faltava era terra solta na rua. Juntei a suficiente para construir primeiro um monte, depois uma grande colina, a seguir uma montanha enorme, que quase me dava pelos joelhos. De início, pensei em chamar-lhe Goat Mountain, mas o nome não só era pouco original (afinal, a verdadeira Goat Mountain ficava a menos de vinte quilómetros), como também não tinha piada. Depois de pensar um pouco, decidi chamar-lhe Skull Mountain. Montanha da Caveira. Até tentei abrir duas grutas em formato de órbitas, mas a terra estava seca e os buracos fechavam-se sempre.

— Oh, paciência — disse aos soldados de plástico guardados no cofre camuflado. — O mundo é cruel, e não se pode ter tudo. — Essa era uma das frases feitas preferidas do meu pai, e, com cinco filhos para criar, estou certo de que ele tinha razão para acreditar nela. — São grutas a fingir.

Dispus metade do exército no cimo da Skull Mountain, onde os soldados formaram um imenso pelotão. Gostava especialmente de ver os homens com morteiros ali em cima. Esses eram os boches. Pus o exército dos Estados Unidos no limite do relvado. Os americanos levaram todos os jipes e camiões, porque os veículos ficavam espetaculares a atacar a montanha íngreme. Eu sabia que alguns iam capotar, mas pelo menos parte deles chegaria ao cimo e atropelaria os homens dos morteiros, que suplicariam misericórdia. E não teriam nenhuma.

— Até à morte! — bradei, enquanto organizava os últimos heróis americanos. — Hitsmer, és o próximo!

Estava a começar a avançar com eles, fila a fila, imitando o barulho das metralhadoras das histórias aos quadradinhos, quando uma sombra cobriu o campo de batalha. Olhei para cima e vi um homem ali parado. Tapava o sol da tarde, uma silhueta emoldurada por luz dourada — um eclipse humano.

Reinava a confusão em nossa casa, como era normal nas tardes de sábado. Andy e Con, entre gargalhadas e gritos, estavam no quintal das traseiras a treinar as tacadas de basebol com os amigos. Claire fora para o quarto com as amigas, e ouviam música no gira-discos *Imperial Party-Time*: «The Loco-Motion», «Soldier Boy», «Palisades Park». Da garagem vinham as marteladas do meu pai e de Terry, que trabalhavam no velho *Ford* de 51 que ele batizara como «Foguete da Estrada». Ou «O Projeto». Uma vez ouvi-o chamar «monte de merda» ao carro, uma expressão que adorei e uso ainda hoje. Quando quiserem sentir-se melhor, chamem a qualquer coisa «monte de merda». Geralmente funciona.

Reinava a confusão, e mesmo assim naquele instante pareceu que tudo tinha parado. Sei que esse tipo de ilusão é causado por imprecisões na memória (para não falar do sem-fim de associações sombrias), mas a lembrança é muito clara. De repente já não havia miúdos aos gritos no quintal, discos a tocar no primeiro andar, barulhos vindos da garagem. Nem sequer um pássaro cantava.

Então o homem agachou-se, e o sol poente brilhou sobre os seus ombros, cegando-me por um instante. Levantei a mão para proteger os olhos.

— Desculpa, desculpa — disse o homem, e mudou de sítio para que eu conseguisse vê-lo sem precisar de olhar para o sol.

Da cintura para cima, vestia um casaco preto e uma camisa preta com cabeção; da cintura para baixo, calças de ganga e sapatos coçados. Parecia querer ser duas pessoas ao mesmo tempo. Aos seis anos, eu dividia os adultos em três categorias: crescidos novos, crescidos e velhos. Este tipo era um crescido novo. Pusera as mãos nos joelhos para poder ver os exércitos em combate.

— Quem é o senhor? — perguntei.

— Charles Jacobs.

O nome soava vagamente familiar. Ele estendeu-me a mão. Aperfeiçoei-a logo, pois, mesmo com seis anos, já tinha boas maneiras. Todos tínhamos. Os nossos pais encarregaram-se disso.

— Porque é que a gola da sua camisa tem um buraco no meio?

— Porque sou pastor. A partir de agora, quando fores à igreja aos domingos, eu estarei lá. E se fores às reuniões da Juventude Metodista, às quintas-feiras, também irás encontrar-me.

— O nosso pastor era o senhor Latoure. Mas ele morreu.

— Eu sei. Sinto muito.

— Não se preocupe, porque a minha mãe disse que ele não sofreu e foi logo para o céu. Mas ele não usava um colarinho assim.

— Porque o Bill Latoure era um pregador laico. Isso quer dizer que era uma espécie de voluntário, que mantinha a igreja aberta quando não havia mais ninguém. E foi muito generoso da parte dele.

— Acho que o meu pai já falou de si. Ele é diácono da igreja. Recolhe as esmolas. Mas tem de se revezar com os outros diáconos.

— Partilhar é bom — respondeu Jacobs, ajoelhando-se ao meu lado.

— Vai rezar? — A ideia pareceu-me um pouco alarmante. Rezar era coisa que se fazia na igreja e nos encontros da Juventude Metodista, a que os meus irmãos e a minha irmã chamavam «Escola das Quintas à Tarde». Quando o senhor Jacobs recomeçou esses encontros, eu entraria no primeiro ano, exatamente como na escola. — Se

quer falar com o meu pai, ele está na garagem com o Terry, a instalar uma nova embraiagem no Foguete da Estrada. Bem, o meu pai está a instalar, o Terry fica só a ver e a passar-lhe as ferramentas. Ele tem oito anos. Eu tenho seis. Acho que a minha mãe está no alpendre das traseiras, a ver os outros miúdos praticarem basebol.

— Quando eu era miúdo, também gostava muito disso — comentou ele, sorrindo. Era um sorriso bonito. Gostei logo dele.

— Ai sim?

— Sim, e tínhamos de bater no taco com a bola depois de a aparmos. Como te chamas, filho?

— Jamie Morton. Tenho seis anos.

— Já me disseste.

— Acho que nunca ninguém rezou no nosso jardim.

— Eu também não vou rezar. Só quero ver os teus exércitos mais de perto. Quem são os russos e quem são os americanos?

— Bem, os do chão são os americanos, mas os que estão na Skull Mountain são os boches. Os americanos têm de conquistar a montanha.

— Porque ela é um obstáculo — observou Jacobs. — Atrás da Skull Mountain fica a estrada para a Alemanha.

— Isso mesmo! E para o chefe dos boches! O Hitsmer!

— Causador de tantos males.

— Hã?

— Nada. Importas-te se eu chamar alemães aos maus? «Boches» é feio.

— Não é, não. É ótimo. Os boches são alemães, e os alemães são boches. O meu pai esteve na guerra, mas só no último ano. Reparava camiões no Texas. Esteve na guerra, senhor Jacobs?

— Não. Era muito novo. Não tinha idade nem para a Guerra da Coreia. E como é que os americanos vão tomar a montanha, general Morton?

— Atacar! — gritei. — Disparem essas metralhadoras! Pá! Rata-tatatá! — Depois, fazendo voz mais grossa: — Pou, pou, pou!

— Um ataque direto contra o inimigo em terreno elevado parece um risco muito grande, meu general. Se eu fosse a si, dividiria as tropas... assim... — sugeri o senhor Jacobs, distribuindo metade dos americanos à esquerda e a outra metade à direita. — Isso cria um movimento

de pinça, estás a ver? — Uniu o polegar ao indicador. — Assim, atacas o alvo dos dois flancos.

— Talvez — refleti. Gostava da ideia de um ataque direto, com muita ação e muito sangue, mas também achava a sugestão do senhor Jacobs interessante. Era um ataque sorrateiro. E sorrateiro pode ser muito bom. — Tentei fazer grutas, mas a terra está muito seca.

— É verdade — concordou ele. Enfiou o dedo na Skull Mountain e viu a terra cair e cobrir o buraco. Levantou-se e sacudiu o pó dos joelhos das calças de ganga. — Tenho um filho que vai com certeza gostar de brincar com os teus soldados daqui a um ou dois anos.

— Ele pode brincar agora, se quiser — respondi, tentando não ser egoísta. — Onde está?

— Ainda em Boston, com a mãe. Há muita coisa para encaixotar. Devem chegar na quarta. Quinta, no máximo. Mas o Morrie é muito novo para brincar com o teu exército. Iria atirar os soldados para todo o lado.

— Quantos anos tem ele?

— Só dois.

— Aposto que ainda faz chichi nas calças! — gritei, e comecei a rir. Não foi muito educado, mas não consegui evitar. Crianças a fazer chichi nas calças era muito engraçado.

— Sim, entre outras coisas — respondeu Jacobs, sorrindo —, mas tenho a certeza de que quando crescer vai deixar de fazer isso. Dizes que o teu pai está na garagem?

— Sim.

Lembrei-me então onde ouvira o nome dele — os meus pais estavam à mesa de jantar, a falar do novo pastor que viria de Boston. «Ele não é demasiado novo?», perguntara a minha mãe. «Sim, e o seu salário refletirá isso», respondera o meu pai, com um sorriso. Continuaram a falar dele, acho, mas não prestei atenção; Andy estava a açambarcar o puré de batata, como sempre.

— Experimenta fazer o ataque pelos flancos — lembrou Jacobs, começando a afastar-se.

— Hã?

— O movimento de pinça — disse ele, juntando o polegar e o indicador mais uma vez.

— Ah, claro. Fixe.

Experimentei e funcionou muito bem. Todos os boches morreram. Mas não se pode dizer que a batalha tenha sido espetacular, por isso voltei ao ataque frontal, com camiões e jipes a lançarem-se da escarpa da Skull Mountain, com boches a cair para trás com gritos de desespero: «Aaaaahhh!»

Os meus pais e o senhor Jacobs sentaram-se no alpendre da frente enquanto a batalha continuava, a beber chá gelado e a falar de coisas da igreja — além de o meu pai ser diácono, a minha mãe pertencia à Ladies Auxiliary. Não era a chefe, mas estava logo abaixo dela. Deviam ver os chapéus chiques que ela usava nessa altura. Tinha pelo menos uns dez. Éramos felizes naquela época.

A minha mãe chamou os meus irmãos, a minha irmã e os amigos deles para conhecer o novo pastor. Eu também comecei a aproximar-me, mas o senhor Jacobs fez-me um sinal para ficar, explicando à minha mãe que já nos tínhamos conhecido.

— Continue a batalha, meu general! — exclamou ele.

Continuei. Con, Andy e os amigos voltaram para o quintal e continuaram a jogar. Claire e as amigas subiram de novo para o primeiro andar e continuaram a dançar (embora a minha mãe as tenha mandado baixar a música, por favor e obrigada). O senhor e a senhora Morton continuaram a conversar com o reverendo Jacobs, e durante bastante tempo. Lembro-me de ficar admirado ao ver como os adultos tagarelavam. Era uma seca.

Deixei de lhes prestar atenção porque estava a travar a batalha da Skull Mountain mais uma vez, e fi-lo de diversas maneiras. No teatro de guerra mais interessante, adaptado do movimento de pinça do senhor Jacobs, parte do exército americano manteve os alemães presos na frente de batalha, enquanto os outros deram a volta e emboscaram os boches por trás. «O que serrrrr isto?», gritou um deles, mesmo antes de levar um tiro na cabeça.

Já um pouco cansado da guerra, pensava em entrar para comer uma fatia de bolo (se é que Con, Andy e os amigos tinham deixado algum) quando a sombra se abateu outra vez sobre mim e o meu campo de batalha. Olhei para cima e vi o senhor Jacobs com um copo de água na mão.

— Pedi-o emprestado à tua mãe. Posso mostrar-te uma coisa?

— Sim.

Ele agachou-se de novo e verteu a água sobre o topo da Skull Mountain.

— É uma tempestade! — gritei, fazendo barulho de trovões.

— Pode ser, se quiseres. E com relâmpagos. Agora olha — disse ele, espetando dois dedos como se fossem chifres e enfiando-os na terra molhada. Os buracos ficaram lá. — *Voilà*, aí estão as grutas. — Em seguida, pegou em dois soldados alemães e pô-los lá dentro. — Vai ser difícil tirar esses homens daí, meu general, mas tenho a certeza de que os americanos vão conseguir.

— Uau! Obrigado!

— Se as grutas desabarem de novo, deita-lhes mais água.

— Sim.

— E não te esqueças de devolver o copo à cozinha quando a batalha acabar. Não quero arranjar problemas com a tua mãe logo no meu primeiro dia em Harlow.

Prometi e estendi a mão.

— Dê cá mais cinco, senhor Jacobs.

Ele riu-se, apertou-me a mão, depois desceu a Methodist Road em direção à casa paroquial, onde viveria com a família durante os três anos seguintes, até ser despedido. Fiquei a vê-lo afastar-se, depois voltei à Skull Mountain.

Antes de a guerra recomeçar, outra sombra se abateu sobre o campo de batalha. Daquela vez era o meu pai. Baixou-se sobre um dos joelhos, com cuidado para não esmagar nenhum soldado americano.

— E então, Jamie? O que achaste do novo pastor?

— Gosto dele.

— Eu também. E a mãe também. Ele é muito jovem para o trabalho, e, se for bom, a nossa congregação será a primeira dele. Mas acho que se irá sair bem. Especialmente com a Juventude Metodista. Os jovens atraem jovens.

— Olha, pai, ele ensinou-me a fazer grutas. É só molhar a terra até ela ficar quase lama.

— Estou a ver — disse ele, despenteando-me. — Vais ter de te lavar bem antes do jantar. Queres que te leve isto? — perguntou, pegando no copo.

— Quero, sim, por favor e obrigado.

O meu pai pegou no copo e voltou para casa. Virei-me para a Skull Mountain, mas vi que a terra secara de novo, fazendo as grutas desabarem. Os soldados tinham sido enterrados vivos. Para mim, isso não era problema. Afinal, eles eram os maus.

Hoje em dia, somos perseguidos pelo papão do sexo, e nenhum pai ou mãe em sã consciência deixaria um menino de seis anos visitar a casa de um recém-conhecido que vivesse sozinho (mesmo que por apenas alguns dias), mas foi exatamente isso que a minha mãe fez na segunda-feira seguinte, sem pestanejar.

O reverendo Jacobs — a minha mãe disse-me para o tratar assim, e não por senhor Jacobs — subiu a Methodist Road pouco antes das três da tarde e bateu na porta de rede. Eu estava na sala, a colorir um livro no chão, enquanto a minha mãe via o concurso *Dialing for Prizes* na televisão. Escrevera para a emissora WCSH na esperança de ganhar o grande prémio do mês, um aspirador *Electrolux*. Sabia que tinha poucas possibilidades, mas dizia que quem espera só se cansa. Era uma piada.

— Pode emprestar-me o seu mais novo durante meia hora? — perguntou o reverendo Jacobs. — Tenho uma coisa na garagem que ele vai gostar de ver.

— O que é? — perguntei, já a levantar-me.

— Uma surpresa. Depois contas tudo à tua mãe.

— Posso ir, mãe?

— Claro, mas primeiro tira a roupa da escola, Jamie. Enquanto ele se muda, quer beber um chá gelado, reverendo Jacobs?

— Sim. E, já agora, podia tratar-me por Charlie?

Ela pensou um pouco.

— Não, mas acho que posso tratá-lo por Charles.

Vesti as calças de ganga e uma *t-shirt* e, como os dois estavam a falar de coisas de adultos quando descí as escadas, fui lá para fora esperar pelo autocarro da escola. Con, Terry e eu frequentávamos uma escola só com uma sala de aula na Route 9, que ficava a apenas quatrocentos metros de casa, por isso íamos a pé, mas Andy estudava na

Consolidated Middle, e Claire tinha de atravessar o rio até à Gates Falls High School, onde era caloiira. («Caloiira, sim, mas nada de caloi-ricas», recomendou a mãe.) O autocarro deixava-os no cruzamento entre a Route 9 e a Methodist Road, ao fundo de Methodist Hill.

Vi-os descer do autocarro e, enquanto se arrastavam colina acima — a discutir, como sempre (eu conseguia ouvi-los da caixa de correio onde me encontrava) —, o reverendo Jacobs saiu.

— Pronto? — perguntou ele, oferecendo-me a mão. Parecia algo perfeitamente natural.

— Claro.

Passámos por Andy e Claire a meio da descida. Andy perguntou onde eu ia.

— A casa do reverendo Jacobs — respondi. — Ele tem uma surpresa para mim.

— Vê se não te demoras muito — recomendou Claire. — É a tua vez de pores a mesa.

Olhou para Jacobs e desviou logo o olhar, como se fosse difícil encará-lo. Antes do fim do ano, a minha irmã mais velha já estava completamente apanhada pelo reverendo, e as amigas dela também.

— Eu trago-o de volta daqui a nada — prometeu Jacobs.

Descemos a colina de mãos dadas até à Route 9, que levava a Portland se virássemos à esquerda, e a Gates Falls, Castle Rock e Lewinston à direita. Parámos e olhámos para os lados, o que era ridículo, pois mal havia carros na Route 9 tirando no verão, depois passámos por campos de feno e de milho, os pés de milho secos e a estalar ao sabor da leve brisa do outono. Dez minutos depois, estávamos na casa paroquial, branca com gelosias pretas. Atrás dela ficava a Primeira Igreja Metodista de Harlow, o que também era ridículo, pois não havia nenhuma outra igreja metodista em Harlow.

Só havia mais um lugar de culto em Harlow, a Igreja de Siló. Para o meu pai, os batistas siloístas variavam de moderadamente loucos a doídos varridos. Não andavam por aí em charretes, mas todos os homens e rapazes usavam chapéus pretos quando saíam à rua. As mulheres e as raparigas usavam toucas brancas e vestidos que lhes chegavam aos tornozelos. O meu pai dizia que os siloístas afirmavam saber quando o mundo iria acabar; alegavam que estava escrito num livro especial.

A minha mãe dizia que, nos Estados Unidos, qualquer um podia acreditar no que quisesse, desde que isso não fizesse mal a ninguém... mas nunca disse que o meu pai estava errado. A nossa igreja era maior do que a Siló, só que muito simples. E não tinha campanário. Tivera em tempos, mas um furacão deitou-o abaixo por volta de 1920.

O reverendo Jacobs e eu subimos o caminho de acesso em terra da casa paroquial. Fiquei interessado ao ver que ele tinha um *Plymouth Belvedere* azul, um carro muito fixe.

— Mudanças manuais ou automáticas? — perguntei.

Ele pareceu admirado, depois sorriu.

— Automáticas. Foi prenda de casamento do sogro.

— O que é um sogro? É uma espécie de ogre?

— O meu é — respondeu ele com uma gargalhada. — Gostas de carros?

— Todos gostamos de carros — respondi, referindo-me a todos na família... embora isso fosse menos verdade para a minha mãe e Claire. As mulheres não conseguiam perceber muito bem o fascínio dos carros. — Quando o Foguete da Estrada estiver pronto, o meu pai vai correr com ele no circuito de Castle Rock.

— Ai sim?

— Bem, não é ele quem vai correr. A minha mãe disse que é demasiado perigoso. Mas alguém vai. Talvez o Duane Robichaud. Trabalha na Brownie's Store com os pais. E conduziu o carro nove no autódromo o ano passado, mas o motor incendiou-se. O meu pai disse que ele está à procura de outro carro.

— Os Robichaud vão à igreja?

— Hummm...

— Vou considerar isso um não. Entra na garagem, Jamie.

O lugar estava na penumbra e cheirava a mofo. Tive um pouco de medo das sombras e do cheiro, mas Jacobs parecia não se importar. Levou-me cada vez mais para o escuro, depois parou e apontou. Engoli em seco ao ver.

Jacobs soltou uma gargalhada, daquelas que as pessoas soltam quando estão orgulhosas de alguma coisa.

— Bem-vindo ao Peaceable Lake, Jamie.

— Uau!

— Montei tudo para passar o tempo enquanto espero a chegada da Patsy e do Morrie. Devia estar a tratar da casa, e já *fix* muita coisa, como reparar a bomba de água, mas não tenho muito mais para fazer até a Pats chegar com os móveis. A tua mãe e as outras senhoras da igreja fizeram um excelente trabalho a limpar a casa, rapaz. O senhor Latoure vivia em Orr's Island, portanto ninguém ocupa esta casa desde antes da Segunda Guerra Mundial. Já agradeçi à tua mãe, mas não me importava se lhe agradecesses mais uma vez, por mim.

— Claro — respondi, mas duvido que tenha transmitido esse segundo agradecimento, porque mal ouvi o que ele dizia.

Toda a minha atenção estava voltada para a mesa que ocupava quase metade do espaço da garagem. Em cima dela havia uma maquete com várias colinas verdejantes que envergonhariam a Skull Mountain. Já vi muitas maquetes daquele tipo desde então, na maioria das vezes em montras de lojas de brinquedos, mas todas tinham comboios elétricos complicados a passar por elas. Não havia comboios na mesa que o reverendo Jacobs montou, que nem era uma mesa a sério, mas folhas de contraplacado sobre cavaletes. Por cima estava uma paisagem rural em miniatura, com uns quatro metros de comprimento e quase dois de largura. Torres de eletricidade com meio metro de altura atravessavam na diagonal a maquete, que era dominada por um lago com água a sério, de um azul que brilhava até na penumbra.

— Vou ter de tirar a maquete daqui, senão o carro não vai caber na garagem. A Patsy não iria gostar nada disso.

O reverendo inclinou-se, apoiou as mãos nos joelhos e olhou para as colinas, os cabos de alta tensão e o grande lago. Havia ovelhas e vacas de plástico a pastar perto da água (eram de um tamanho muito desproporcionado, mas na altura não percebi isso, nem me importaria se tivesse percebido). Também se viam vários candeeiros de rua, o que era bastante estranho, já que não havia ruas ou cidades para iluminar.

— Aposto que farias uma batalha e tanto com os teus soldados aqui, hein?

— Sim — concordei, pensando que poderia travar uma guerra inteira ali.

Ele assentiu.

— Mas isso não pode acontecer, porque no Peaceable Lake todos se dão bem e é proibido lutar. De certa forma, é como o Paraíso. Tenciono levar o lago para a cave da igreja, depois de retomar os encontros da Juventude Metodista. Talvez tu e os teus irmãos possam ajudar-me. Acho que as crianças iriam gostar.

— Com certeza! — respondi e depois acrescentei algo que o meu pai dizia sempre: — Pode apostar, pastor!

Ele riu e deu-me uma palmada no ombro.

— Agora, queres ver um milagre?

— Pode ser — respondi, sem muita convicção. Parecia assustador.

De repente, percebi que estávamos sozinhos numa velha garagem vazia, um buraco empoeirado que, pelo cheiro, parecia fechado há anos. A porta para o mundo exterior ainda estava aberta, mas parecia a um quilómetro de distância. Eu gostava do reverendo Jacobs, mas, naquele momento, desejei ter ficado em casa, deitado no chão, a colorir o meu livro e à espera de ver se a minha mãe ganharia o *Electrolux* e finalmente teria vantagem na batalha sem fim contra o pó do verão.

Então o reverendo Jacobs passou a mão lentamente sobre o Peaceable Lake, e esqueci-me do nervosismo. Ouvi um ténue zunido vindo de baixo da mesa improvisada, parecido com o som que o nosso televisor *Philco* fazia quando estava a aquecer, e todas as luzes dos pequenos candeeiros de rua se acenderam. Eram de um branco intenso, quase demasiado intenso para a vista, e projetavam um brilho lunar sobre as colinas verdes e a água azul. Até as vacas e ovelhas de plástico pareciam mais realistas, certamente porque passaram a projetar sombras.

— Caramba! Como fez isso?

Ele sorriu.

— Um belo truque, hein? «Deus disse: “Faça-se a luz.” E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa.» Mas eu não sou Deus, então dependo da eletricidade, que é uma coisa maravilhosa, Jamie. É uma dádiva de Deus que faz com que nos sintamos deuses sempre que ligamos um interruptor. Não achas?

— Acho, sim. O meu avô Amos lembra-se de uma altura em que não havia eletricidade.

— Muitas pessoas lembram-se disso, mas em breve todas essas pessoas terão partido... e, quando isso acontecer, ninguém pensará já que a eletricidade é um milagre. E um mistério. Temos uma ideia de como ela funciona, mas saber como uma coisa funciona é muito diferente de saber o que ela é.

— Como acende as luzes?

Ele apontou para uma prateleira atrás da mesa.

— Estás a ver aquela lampadazinha vermelha?

— Hã-hã.

— É uma célula fotoelétrica. Pode-se comprar, mas fui eu que fiz esta. Projeta um feixe invisível. Quando interrompo o feixe, as luzes em torno do Peaceable Lake acendem-se. Se eu o interromper de novo... assim — explicou ele, passando a mão sobre a maquete e fazendo as lâmpadas perderem força até emitirem um resto de luz e se apagarem. — Viste?

— Fixe! — murmurei.

— Agora experimenta tu.

Levantei a mão. De início, nada aconteceu, mas, quando me pus em bicos dos pés, os meus dedos interromperam o feixe. O zunido recomeçou por baixo da mesa, e as luzes acenderam-se outra vez.

— Consegui!

— Podes apostar! — exclamou ele, despeteando-me.

— Que barulho é esse? Parece o nosso televisor.

— Olha para baixo da mesa. Vou acender as luzes do teto para conseguires ver melhor.

Ligou um interruptor na parede, e duas lâmpadas empoeiradas acenderam-se. O cheiro a mofo continuava lá (e senti também o cheiro de mais qualquer coisa — uma coisa quente e oleosa), mas as lâmpadas fizeram desaparecer parte da penumbra.

Inclinei-me — com a minha idade nem era preciso inclinar-me muito — e olhei para baixo da mesa. Vi duas ou três coisas parecidas com caixas amarradas à parte de baixo das tábuas. Eram a fonte do zumbido e do cheiro de óleo.

— Baterias — explicou ele. — Também fui eu que as fiz. O meu passatempo é a eletricidade. E engenhocas. — Sorriu como uma criança. — Adoro engenhocas. A minha mulher fica doida com elas.

— O meu passatempo é lutar com os boches — comentei. Depois, lembrando-me de que ele dissera que aquilo era cruel: — Quer dizer, com os alemães.

— Toda a gente precisa de um passatempo. E toda a gente precisa de um milagre ou dois, só para provar que a vida é mais do que uma longa caminhada do berço até à cova. Queres ver mais um milagre, Jamie?

— Claro!

Havia outra mesa no canto, esta coberta de ferramentas, pedaços de arame, três ou quatro transístores desmontados, iguais aos da Claire e do Andy, e pilhas médias e grandes. Também havia uma caixinha de madeira, e Jacobs pegou-lhe. Então, pousou um joelho no chão para ficarmos à mesma altura e abriu-a, tirando de dentro uma figura de túnica branca.

— Sabes quem é?

Eu sabia, porque era quase igual ao que estava na minha luz de presença fluorescente.

— Jesus. Jesus com uma mochila nas costas.

— Não é uma mochila qualquer. Olha, é uma mochila para baterias — explicou Jacobs, abrindo uma dobradiça do tamanho de uma agulha de costura na parte de cima da mochila. Lá dentro vi o que pareciam ser duas moedinhas brilhantes com pequenos pontos de solda. — Também fui eu que fiz isto, porque as lojas não vendem nada tão pequeno ou poderoso como essas duas baterias. Acho que podia patenteá-las, e talvez um dia o faça, mas... — Abanou a cabeça. — Esquece.

Fechou a tampa da mochila e levou Jesus até à maquete do Peaceable Lake.

— Viste como a água é azul?

— Sim. É o lago mais azul que já vi!

Ele assentiu.

— E só isso já é um milagre, por assim dizer... até olharmos de perto.

— Hã?

— É só tinta. Às vezes ponho-me a pensar nisso, Jamie. Quando não consigo dormir. Penso como um pouco de tinta pode fazer águas rasas parecerem profundas.

Parecia uma parvoíce pensar numa coisa daquelas, mas fiquei calado. A seguir ele pareceu sair do transe e pousou Jesus ao lado do lago.

— Tenciono usar isto nos encontros da Juventude Metodista, é o que chamamos ferramenta de aprendizagem, mas vou mostrar-te como funciona, está bem?

— Sim.

— Eis o que diz o capítulo catorze do Evangelho segundo São Mateus. Queres aprender com a Palavra Divina, Jamie?

— Claro, acho que sim — respondi, começando a ficar incomodado de novo.

— Eu sei que queres, porque o que aprendemos quando crianças é o que permanece durante mais tempo. Então, vamos lá, ouve bem: «Depois, Jesus obrigou os discípulos a embarcar e a ir adiante para a outra margem, enquanto Ele despedia as multidões. Logo que as despediu, subiu a um monte para orar na solidão.» Tu rezas, Jamie?

— Sim, todas as noites.

— Lindo menino. Voltando à história. «E, chegada a noite, estava ali só. O barco encontrava-se já a várias centenas de metros da terra, açoitado pelas ondas, pois o vento era contrário. De madrugada, Jesus foi ter com eles, caminhando sobre o mar. Ao verem-no caminhar sobre o mar, os discípulos assustaram-se e disseram: “É um fantasma!” E gritaram com medo. No mesmo instante, Jesus falou-lhes, dizendo: “Tranquilizai-vos! Sou Eu! Não temais!”» Essa é a história, bendita a palavra do Senhor. É boa, não achas?

— Acho que sim.

— Queres ver Jesus andar sobre as águas do Peaceable Lake?

— Sim, quero!

Jacobs mexeu debaixo da túnica branca de Jesus, e o boneco começou a mover-se. Quando chegou ao Peaceable Lake, não se afundou, mas seguiu em frente, sereno, deslizando sobre a água, chegando ao outro lado em mais ou menos vinte segundos. Ali havia uma colina, e ele tentou subi-la, mas percebi que ia cair. O reverendo Jacobs pegou-lhe antes disso e mexeu debaixo da túnica de Jesus para desligá-lo.

— Ele conseguiu! — exclamei. — Andou sobre a água!

— Bem... sim e não — disse o reverendo, sorrindo.

Mas, por alguma razão, não era um sorriso divertido. Um dos cantos da boca estava virado para baixo.

— Então?

— Vês onde ele entrou na água?

— Sim.

— Põe aqui a mão. Vê o que consegues descobrir. Tem cuidado para não tocares nos cabos, porque há eletricidade a sério a passar neles. Não muita, mas, se lhes tocares, apanhas um choque. Especialmente se tiveres as mãos molhadas.

Estendi a mão com cuidado. Não achei que ele estivesse a tentar pregar-me uma partida, como Terry e Con faziam, mas encontrava-me num sítio estranho com um desconhecido e não sabia o que iria acontecer. A água parecia funda, mas era só uma ilusão criada pela tinta azul do reservatório e pelas luzes refletidas na superfície. O meu dedo só entrou até a altura do primeiro nó.

— Não estás no sítio certo — disse o reverendo Jacobs. — Vai um pouco mais para a direita. Sabes a diferença de direita e esquerda?

Eu sabia. A minha mãe tinha-me ensinado. «Direita é a mão com que escreves.» Claro que isso não funcionaria com Claire e Con, que eram canhotos, ou, como o meu pai costumava dizer, canhestros.

Mexi a mão e senti qualquer coisa na água. Era metálica e tinha uma ranhura.

— Acho que encontrei — disse ao reverendo Jacobs.

— Também acho. Estás a tocar no caminho sobre o qual Jesus anda.

— É um truque de magia! — Já tinha visto mágicos no *Ed Sullivan Show*, e Con recebera uma caixa de truques nos anos, embora todas as peças, com exceção das Bolas Flutuantes e do Ovo Que Desaparece, se tivessem perdido.

— Isso mesmo.

— Como Jesus a andar sobre as águas para chegar ao barco!

— Às vezes é isso que receio.

O reverendo pareceu tão triste e distante que fiquei com medo outra vez, mas também senti pena dele. Não é que eu fizesse a mínima ideia da razão daquela tristeza quando ele tinha um brinquedo tão fixe como o Peaceable Lake na garagem.

— É um truque muito *bom!* — exclamei e dei-lhe uma palmadinha na mão.

Jacobs voltou de onde quer que estivesse e sorriu-me.

— Tens razão. Acho que tenho saudades da minha mulher e do meu filho. Deve ser por isso que te pedi emprestado, Jamie. Mas preciso de te devolver à tua mãe.

Quando chegámos à Route 9, ele deu-me a mão outra vez, apesar de não haver carros a vir de nenhuma direção, e subimos assim a colina, até chegar à Methodist Road. Não me importei. Gostava de agarrar a mão do reverendo. Sabia que ele estava a proteger-me.

A senhora Jacobs e Morrie chegaram alguns dias depois. Ele não passava de uma coisinha de fraldas, mas ela era bonita. No sábado, um dia antes de o reverendo Jacobs subir ao púlpito da nossa igreja pela primeira vez, Terry, Con e eu ajudámo-lo a transportar o Peaceable Lake para a cave da igreja, onde a Juventude Metodista se reuniria todas as noites de quinta. Com a água drenada, era muito fácil ver como o lago era raso e onde ficava o carril que o atravessava.

O reverendo Jacobs fez Terry e Con jurarem guardar segredo — porque, dizia, não queria estragar a ilusão dos pequeninos (o que me fez sentir grande, uma sensação que me agradou). Eles juraram, e acredito que nenhum deles tenha dado com a língua nos dentes, mas as luzes da cave da igreja eram muito mais fortes que as da garagem da casa paroquial, e se alguém olhasse para a maquete de perto perceberia logo que, apesar do tamanho, o Peaceable Lake era apenas uma poça larga. Também se via o carril com o sulco. Quando chegou o Natal, já todos sabiam como a coisa funcionava.

— É uma grande treta — disse-me Billy Paquette, numa quinta à tarde. Ele e o irmão, Ronnie, detestavam os encontros das quintas, mas a mãe obrigava-os a ir. — Se ele mostrar aquilo outra vez e contar a história de Jesus a caminhar sobre as águas, vomito.

Pensei em lutar com ele por causa disso, mas Billy era maior que eu. E também era meu amigo. Além do mais, tinha razão.